



DEZEMBRO DE 1947

Chefe da Divisão - Dr. João de Deus Bueno dos Reis

Chefe da Secção Técnico-Educacional - Noêmia Ippolito

Chefe da Secção Técnico Assistencial - Maria Aparecida Duarte

<u>Sumário</u>	<u>pgs.</u>
<u>Centro de Interêsse do mês: - Natal... por Ida Jordão Kuester e Giselda Rúpolo</u>	219
<u>"A Lenda da Arvore de Natal" - Transcrito do Bem-Te-Vi.....</u>	221
<u>Higiêne Mental - Resumo da Conferência sôbre - Higiêne Mental na Infância, realizada em 28-7-1947, pelo Dr. Spartaco Bissoto, no Grêmio Espano-Americano - Resumo de Geraldo Leitzke</u>	222
<u>Higiêne e Educação da Saúde</u>	
<u>Educação Sanitária - por Noêmia Ippolito.....</u>	225
<u>Educação</u>	
<u>Flagelo Social da Mentira - por Gustavo Lessa .</u>	230
<u>Transcrito do Boletim "S.O.S."</u>	
<u>Educação Física</u>	
<u>"Aulas dramatizadas" (conclusão da Série "As férias do Joãozinho")</u>	235
<u>Calendário de Atividades e Material Didático</u>	
<u>Atividades Agrícolas.....</u>	235
<u>Biblioteca Especializada</u>	238
<u>Noticiário</u>	240
<u>Reunião Técnica Conjunta</u>	
<u>Reunião havida</u>	241
<u>Reunião marcada</u>	241



CENTRO DE INTERESSE DO MÊS

- Observação - Todos os anos festejamos o Natal. Lembrar o Presépio e a Arvore. Comparar uma a outra coisa. Calcular o material a ser utilizado para a construção desses símbolos universais.
- Associação em Geral - Materiais de que podemos nos utilizar para construir os enfeites e objetos para a Arvore e o Presépio.
- Associação no Espaço - Onde nasceu Jesus. Belém, a Palestina, a Judéia. História de Jesus. Sua mãe que recebe a celeste mensagem em Nazaré; o edito do Imperador Romano determinando o Recenseamento; ida de Maria e Jose para Belém; a gruta da cidade, 1º Presépio; Pastores e Reis, 12º adoradores do Menino Jesus; crueldade do Rei Herodes, que temeroso de que esse Menino lhe usurpasse a coroa, manda matar as crianças de Belém. Aviso do Anjo aos pais do Menino Jesus para que fugissem por outros caminhos. O Egito.
- Expressões - Contos sobre Natal; dramatizações; contos; desenhos, confecções de roupas para dramatizações; execução de enfeites para a Arvore e o Presépio, albuns de gravuras alusivas.
- Moral - A força de vontade de Maria e José, vencendo tôdas as dificuldades para salvar Jesus. O desprendimento de Jesus das cousas terrenas. Amplitude de sua caridade que abrange Pastores e Reis num mesmo abraço. A paz que Ele veio trazer à Terra aos homens de boa vontade.

Ida Jordão Kuester
Conselheira de Recreação

Novembro de 1.947.

o-o-o-o-o

N A T A L

(Giselda Rupolo)

Num humilde berçinho de palha
O menino Jesus nasceu,
E os anjos cantaram em cântico
"Gloria, gloria in excelsis Deo".

E para avisar todo mundo
Ja surge um sinal lá no céu:
Uma estrela brilhante, a fagueira
Ja rompe da noite o véu.

Os pastores modestos do campo
Os anjos ja vão acordar
E o rutilo astro luzinco,
Irá a Belém, os guiar.

Do Oriente, longinquo, vieram
Os Reis Magos também visitar
E o amavel Jesus pequenino
Incenso, ouro e mirra ofertar.

Lá na gruta, mui pobre, contemplam
Um menino de tão meigo olhar,
Tendo ao lado a Virgem Maria,
São José e os pastores a velar.

E o mundo até hoje recorda
Esse quadro mimoso, do céu,
E ressoam mil vozes em cântico:
"Gloria, gloria in excelsis Deo".

Nota: - Música - "O velho sino", de Lozano.



Véspera de Natal

Personagens: menina pobre

Papae Noel

anjos

Menina pobre - (entra mimando um cãozinho que está em seus braços) - Totó, estás com frio? Ah! meu Totó... e tens fome também? Eu, estou com frio e com sono... (boceja, senta-se perto de uma árvore) - Ah! Totó, hoje é a véspera de Natal e não tenho nem um vestido novo, nem um brinquedo, nem uma boneca...

(bocejando) - Que sono... que frio...

(deitando ao pé da árvore) Ah! meu Totó, você já está dormindo? Eu tenho muito sono... muito sono... (dorme).

Papae Noël - (entra devagarinho, carregando um saco de brinquedos) - Vou aproveitar agora e dar a esta menina, o que tanto deseja, pois, bem merece o presente.

Quando acordar, vai ficar satisfeita. Amanhã é o dia do Natal, e em dia tão lindo não quero ver ninguém triste. Desejo que todos estejam alegres no dia em que se comemora o nascimento do Menino Jesus.

Oh! ouço música... ouço passos (sae pé ante pé).

Anjos - (entram ao som de uma música suave, carregando brinquedos e enfeites para a árvore de Natal) - Dançam e ao mesmo tempo enfeitam a Árvore; depois saem.

Menina pobre - (acorda, espreguiça-se boceja...) Tive um sonho tão lindo! sabe Totó? ouvi uma música tão bonita... Parece que anjos estiveram aqui... (levanta-se e admira da dá voltas á Árvore)... enfeitaram a árvore!

Olhe Totó! Que coisa linda! Umas caixas ... devem ser presentes! (abre uma caixa) - Um casaquinho, ... e serve para mim.

Como Jesus é bom, soube que eu estava com frio e enviou-me este agasalho. (veste-o)

(abre outra caixa) - E esta o que conterà? Oh! uma boneca! Totó, veja que linda boneca! (toma-a nos braços e dança com ela nos braços, cantarolando, vai saindo a correr, quando lembra que esqueceu Totó; volta e carrega-o) - Mas, oh! ia-me esquecendo do Totó, meu Totosinho! (sae correndo).

Transcrito do "Mem-te-vi" - Adaptação de Giselda Rupolo -
Educadora Sanitária do Parque Pedro II.



A LENDA DA ARVORE DE NATAL

Num pequeno bosque próximo a Belém havia um pinheiro esbelto, de pequena estatura, cujas folhas verde-negro jamais caíam. Na primavera o pinheiro de folhas verde-negro não se cobria como as demais do bosque, de flores de fragrância e formosura. Era uma árvorezinha modesta e retraída.

Uma noite - noite prodigiosa! - um rumor estranho começou a circular pelo bosque, passando de árvore em árvore, de flor em flor. Seria a voz de uma avezinha noturna, uma coruja, quem sabe, que trouxesse o murmúrio? Ou seria o eco do dulcíssimo canto angelical? Não sabemos. O fato é que, num instante, todos os habitantes do bosque - as árvores e plantas, animais de toda espécie e tamanho - resolveram ir a Belém para ver o menino de quem se dizia ser o Senhor vindo à terra! O Senhor? O Cristo, aquele que se fez homem e nasceu pobre, pequeno e indefeso, num misero leito de palhas, no meio dos animais domésticos.

Ninguém pode explicar como se deu o movimento no pequeno bosque; sabemos, porém, que os cedros e carvalhos se libertaram da terra que aprisionava suas raízes e, com as flores e animais, se encaminharam ao presepio de Belém.

O pequenino pinheiro, modesto e retraído, não havia de ficar atrás. Era pequeno e estava solidamente encravado na terra. Demorou algum tempo para libertar-se, e com isso o cortejo de habitantes do bosque já ia longe. Não avistava nem suas sombras nem o reflexo das lanternas que lhes iluminava o caminho.

O pinheirinho, entretanto, continuou firme o caminho. Estava fatigado, pois a distância era grande e o caminho aspero; mas, tropeçando, continuava adiante, sempre adiante.

Lá em cima, no céu, os anjinhos olhavam curiosos essa estranha procissão. E, como para eles não há dia nem noite, observaram enternecidos e admirados a perseverança da pequena árvore, insistindo em chegar a todo custo ao presepio de Belém.

"Coitadinho! Não tem a faculdade de ver no escuro", disse um; "vou ajudá-lo".

E o anjinho deu um assobio peculiar que fez doer-se uma estrelinha em sua carreira voadora pelos espaços siderais.

"Que queres de mim?", perguntou a estrelinha ao anjinho.

"Escuta, quero que vás guiar, com tua luz, aquela árvorezinha que vai a caminho de Belém", replicou o anjinho.

"A caminho de Belém? exclamou a estrelinha. "Quizera ir também; mas como deixar o meu lugar nos altos céus para entrar no presepio?"

"Se quizeres prender-te aos ramos do pinheirinho, entrarás com ele no presepio..." sugeriu o anjinho sabiamente.

"Vou", respondeu imediatamente a estrelinha.

E, deslizando-se rápida, atravessou o céu e foi pousar na pontinha da árvore.

No céu também entre as estrêlas, o exemplo é contagioso...

"Eu quero ir também! exclamou outra estrelinha, irmã da primeira.

"E eu!...E eu!..." exclamaram vinte, cinquenta, centenas delas que estavam nas imediações.

Dizem que cada estrêla tem o seu anjinho-guarda. Cada uma delas depende em tudo, do seu anjinho. Os anjinhos já haviam descido a dar uma voltinha pelo presepio; ao ouvirem, então, o pedido de suas estrelinhas, não tropicaram em satisfazê-las. Naquela noite, ninguém, na vasta criação de Deus, podia expressar um desejo que não fosse imediatamente satisfeito. Os anjinhos então abriram as mãozinhas e deixaram cair à terra suas estrelinhas sabendo que não tardariam todas elas a retornar ao seu respectivo sítio.

As estrelinhas, muito sabiamente, não deixaram ao povo do caminho; acostumadas como estão às alturas, reuniram oportunamente aos raminhos do pinheiro. Dez, vinte, com, mil... Não se sabe quantas!



Eram tantas, que o pinheiro se viu rodeado de celestial esplendor; e, sem sentir o peso, chegou por fim ao presepio. Ali ele viu, como já haviam visto as demais árvores e animais, as flores e as aves, o pequeno Infante deitado sobre a palha do presepio, envolto em alvos panos.

O menino estava com os olhos fechados, pois a luz era muito escassa dentro da gruta onde estava o presepio. Porém, como acontece a todos os pequeninos, a luz que brilhou ao seu redor, fê-lo abrir os grandes olhos. E, ali, diante dele, viu o pinheirinho, fadado, de roupa verde-negro, mas com milhares de pequeninas estrelas apêgadas a cada agulha de seus raminhos.

E o menino sorriu e estendeu as mãozinhas à pequena árvore. E lá no seu íntimo o pinheiro sentiu como que uma voz, tão doce e suave que lhe dizia: Porque vieste para mim, pequenino, sózinho, simples como es, de hoje em diante, anualmente, até que o mundo deixe de existir, serás a árvore predileta dos meninos e também dos grandes. Tuas folhas impercíveis recordarão ao homem o eterno e impercível amor de Deus-Pai, revelado em seu filho nascido entre os homens na noite de Natal. Eles te adornarão com luzes refulgentes, comemorando a Luz vinda do céu; eles te encherão de presentes para suas famílias e para os estranhos, em memória do Dom Divino que com esta festa chegou à terra.

E assim, através dos tempos, em todos os países do mundo, pelo Natal tomamos um pinheirinho e o adornamos com luzes; nos seus galhos penduramos presentes em lembrança daquele Amor que se manifestou aos homens no pequeno Menino do presepio de Belém.

Transcrito do Bem-Te-Vi, Ano, nº 12 do
Dezembro de 1947.



RESUMO DA CONFERÊNCIA SOBRE

"HIGIENE MENTAL NA INFÂNCIA"

REALIZADA EM 28/7/47, PELO

DR. SPARTACO BISSOTO, NO GREMIO

ESPANO-AMERICANO

A prosperidade de uma nação, de um povo, depende, em avultada porcentagem, da saúde que seus habitantes gozam, e, dentre os inúmeros fatores que influem nêsse particular, torna-se indispensável mencionar a educação do povo, em tôdas as idades, educação esta que deve ser conferida à criança desde os primórdios de sua existência, afim de que haja um desenvolvimento somato-psíquico normal.

Muito se tem lutado, em nosso velho mundo, com o problema existente entre a ciência e o sentimento. Da Grécia aos nossos dias um belo ideal dominou o homem civilizado: eliminar da superfície da terra a coorte imensa dos sofredores e tarados e favorecer o desenvolvimento dos indivíduos normais, dos capazes, daqueles que têm contribuído, em grande ou pequena escala, para a grandeza da humanidade no sentido material, moral e espiritual.

Infelizmente tem-se verificado o contrario: enquanto as doenças adquiridas gradativamente, vão sendo eliminadas, graças ao progresso da medicina, as doenças hereditárias, ao contrário, vão assustadoramente aumentando em todos os países civilizados do globo.

A inteligência humana logo concluiu que só era possível a resolução dêste grande problema da natureza, decompondo-o, simplificando-o, analisando-o separadamente.

Foi assim, com a aplicação do método indutivo, isto é, partindo do particular para o geral, que a física, a química e a biologia saíram do campo empírico, progrediram, gradativamente, até atingirem ao apogeu que apresentam nos tempos modernos.

Grandes equipes de pesquisadores, em todos os países civilizados, numa verdadeira divisão do trabalho, lançaram-se à tarefa de conhecer o organismo humano nas suas minúcias sob o ponto de vista físico-químico, morfológico, fisiológico e psíquico.

Multiplicaram-se os laboratórios e os hospitais, os fatos acumularam-se, erguendo-se, pouco a pouco, os alicerces do majestoso edifício da ciência humana, cuja finalidade é conhecer o homem integral e fazê-lo sadio e feliz.

Até aqui dominaram os trabalhos analíticos, os conhecimentos unilaterais. Agora já é tempo de se fazer a síntese, considerando-se o homem não como uma máquina, mas como um todo uno e indivisível, como uma unidade morfológica e funcional, como uma integração do físico e do psíquico, pois suas partes funcionam numa verdadeira in-



terdependência, sinérgica harmônicamente.

Esta unidade ou integração, que se verifica no organismo humano, é trazida e mantida pelos gens que recebemos dos nossos ascendentes, através dos gametas, assim pelo sistema nervoso e pelos hormônios ou secreções internas.

Os gens ou fatores são as unidades dos cromosomas que recebemos no momento da fecundação. São êles o veículo da hereditariedade, isto é, são êles que veiculam, dos ascendentes para descendentes, os caracteres individuais, no sentido da forma, função, psiquismo, limite da vida, etc., qualidades que se encontram no estado potencial e que se manifestam gradativamente, à medida que o organismo se desenvolve.

Frizámos que há um plano préestabelecido no organismo, o qual orienta, em sentido mais ou menos rígido, toda a nossa evolução biológica, o ritmo vital, as nossas características psicossomáticas. Tudo condicionado pelo patrimônio hereditário, genótipo, cuja energia misteriosa, recebida de nossos ascendentes, determina e dirige nossa vida.

Ainda o nosso organismo, apesar de ser um complexo de órgãos, tecidos e células, mantém-se e funciona como um todo, sinérgicamente, graças à ação das glândulas de secreção interna e do sistema nervoso. As glândulas elaboram hormônios que agem, regulando os fenômenos do metabolismo, o psiquismo e a morfogênese, contribuindo assim para o funcionamento harmônico do todo. O sistema nervoso, formado de um tronco cérebro-espinhal, de nervos e neurônios, difusos por todos os órgãos, recebe e conduz os estímulos da periferia para o centro e do centro para a periferia, elabora influxos e energia para todas as partes do corpo, orienta e governa todas as funções de nutrição, reprodução e relação. Seu ritmo normal está, no entanto, na dependência de estímulos psíquicos: alegria ou tristeza, amor ou ódio, coragem ou medo, e de estímulos químicos, como os hormônios e os diferentes eletrólitos do sangue, que provocam excitações dos centros nervosos, cuja resposta está na dependência, não só do grau de excitação, mas, principalmente, do estado dos referidos centros nervosos, estado que é condicionado, acima de tudo, pelo patrimônio hereditário, pois, um mesmo estímulo agradável ou desagradável produz reações diferentes, conforme o terreno ou biotipo individual.

Considerando a mania, bem como outras doenças mentais de fundo hereditário, estimuladas por influências externas das mais variadas, frisamos que ôsto mal, segundo acima mencionado, toma maior incremento nos países mais civilizados. No norte dos Estados Unidos, onde encontramos as grandes cidades com suas universidades e escolas, é também maior número de delinquentes, ao passo que os habitantes do sul do país, embora menos civilizados, gozam duma saúde mental muito



superior. Há 47 anos, o número de delinquentes em todo o mundo, ora apenas um terço do atual, logo, concluimos que este mal cresce horrendamente com o progresso do mundo moderno.

Há certos aspectos maléficos e sociais que vamos evitar, devido à sua complexidade e às dúvidas que apresentam. Podemos, no entanto, afirmar que as doenças mentais afetam geralmente as crianças e muito raramente os adultos.

Dentre as causas podemos citar as com fundo hereditário, as causas adquiridas: intoxicações traumatismos e ainda as causas psicológicas.

A Eugenia procura estabelecer uma noção mais forte, por intermédio de crianças criadas sadias, física e mentalmente, afim de evitar as desagradáveis catástrofes por que o mundo constantemente passa. Em São Paulo, a razão de doentes mentais, nos hospícios e sanatórios, é de dois para mil; nos Estados Unidos da America do Norte a razão já se avulta para seis por cento e na Alemanha tem chegado a vinte por cento.

Afim de provar a hereditariedade d'êste mal, foram feitas experiências na Alemanha, cujas conclusões são as seguintes: se um dos pais for debil mental 40% a 50% dos filhos o serão, e, se ambos os pais forem debeis, os filhos serão debeis na base de 90%. Se os pais forem esquisofrênicos, os filhos o serão, na base de 64% e, se os pais forem portadores de epilepsia, 28% dos filhos também sofrerão d'êste mal.

Na Alemanha, bem como em outros países da Europa, foi praticada a esterilização dos portadores dessas moléstias, porém, com resultados precários, pois, as pessoas podem às vezes ser portadoras de taras e não o demonstrarem. Conclue-se, portanto, que a esterilização de taras é impossível, pois, a esquisofrênia aparece apenas em 4% de todos os casos.

Outra medida eugênica foram os métodos anticoncepcionais, mas também com resultados desanimadores, por só a alta classe social usá-los e a classe mais pobre e menos civilizada quasi ignora-los por completo.

Conclue-se portanto, que as medidas educativas são a melhor solução ao problema, aconselhando-se a limitação de filhos cujos pais são possuidores de taras.

Resumo feito por Geraldo Leitzke

Enfermeiro do C.R. 7

EDUCAÇÃO SANITÁRIA

(continuação)

De posse dessas instruções essenciais, torna-se possível á Educadora-Sanitária proceder a uma análise suscinta das condições sanitárias das crianças dos Parques Infantis que, como teremos ocasião de mostrar no correr dêste trabalho, são precárias. Em muito piores condições de saúde se encontra a maioria delas, no dia de sua entrada no Parque.

A desnutrição, descalcificação e heredolmos são encontradas na quasi totalidade das crianças.

Consequência natural dêssos grandes fatores negativos de saúde, são os inúmeros casos de adenoideanos, de insuficientes respiratórios, de portadores de bronquites crônicas, de crianças com hipertrofia de amígdalas, cáries dentárias, moléstias da pele e do couro cabeludo entre as quais se salientam a pediculose e escabióse (sarna), de portadores de conjuntivite granulosa (tracoma), de verminoses, sem contar o número de moléstias eruptivas e contagiosas, que, periodicamente, grassam entre as crianças. Afecções pulmonares e tuberculosas, não raro se encontram associadas a antecedentes hereditários e ao contágio permanente no ambiente familiar.

Para aumentar a má impressão causada pelas deficientes condições de saúde com que se apresentam no Parque, trazem as crianças um cortejo de hábitos anti-higiênicos, principalmente de falta de asseio.

Não muito difficil se torna a explicação dessa falta de saúde e de higiene. Entre as principais causas podemos apontar:

I - A FALTA DE SAÚDE DOS PAIS

O casamento de pais alcoólatras, portadores de sífilis, tuberculoso e outras moléstias prejudiciais ao desenvolvimento de uma prole sadia, constitue uma das causas mais frequentes das condições precárias da saúde dos Parquianos.

Evidenciam a falta de Educação Sanitária reinante no ambiente em que vivem nossas crianças, três casos de crianças surdo-mudas, internadas por intermédio da Divisão, em institutos especializados no tratamento da surdo-mudez. Em uma visita feita ao domicílio, tivemos conhecimento de que os cônjugos eram ligados por laços muito proximas de parentesco; além disso, em uma das famílias, os casamentos consanguíneos, entre os ancestrais da criança, eram muito frequentes. Ao lado da surdo-mudez, é bastante eloquente o albinismo congênito apresentado por irmãos, pela mãe e por vários ancestrais desta última. Não se tornam necessários alios conhecimentos de economia domestica



para ajuizar das dificuldades atravessadas por uma família em condições semelhantes. O resultado imediato se tinha nas deficiências qualitativas da alimentação, que não passava de uma pequena quantidade de leite com café e pão pela manhã, de feijão, arroz e pão no almoço e de sopa de verdura e pão no jantar. A carne fazia parte da refeição apenas aos domingos. Para o preparo dos mingaus receitados aos gêmeos pelo especialista, a família dependia do leite fornecido pelo Parque Infantil D. Pedro II.

O quadro dessa família pode ser, mais ou menos igualmente repetido para as outras. Os irmãos surdo-mudos, a que já nos referimos, moravam com os pais, num cômodo do andar térreo de um cortiço da rua Ana Tenório. Tivemos ocasião de visitá-los às 8 horas da noite, encontrando para economia do gasto com luz elétrica, toda a família deitada, com o cômodo já completamente às escuras.

Apontámos, no exemplo anterior apenas algumas deficiências; mas, fácil será compreender o que, do ponto de vista higiênico, ha de falho nossas habitações coletivas; ao lado do deficiente cubagem dos cômodos, da má ventilação, má iluminação e, inexistência de assoio, as precárias condições das instalações sanitárias. Raro é o cortiço que possui mais de uma privada para todos os seus moradores. Que de cuidados e de instruções sanitárias necessitam as mães, afim de sabermos evitar os perigos decorrentes de tal promiscuidade! Como instalação para banho, um chuveiro, quando existe, mas em comum com os outros moradores dificultando o seu uso por todos.

Outro fator da falta de assoio com que se apresenta grande parte dos pequenos frequentadores dos Parques é a sua permanência nas ruas.

As crianças dos Parques Infantis dividem-se em dois grupos principais: os escolares e os que não frequentam escola alguma, ou por falta de vagas, ou por não terem atingido a idade mínima de 7 anos.

As doze horas do dia da criança escolar são, de um modo geral, assim distribuídas: três ou quatro horas de permanência no Grupo Escolar, outras três em média, gastas com higiene pessoal, alimentação e preparo de lições e as quatro ou cinco horas restantes são dedicadas ao Parque Infantil. Aos escolares, pois, não sobra muito tempo para ser votado à rua. Outro tanto não se dá porém, com os pré-escolares ou com as crianças que não conseguiram vaga nos Grupos Escolares.

Todas as horas do dia em que essas crianças não estão no Parque, se encontram geralmente na rua.

O ótimo, portanto, seria diminuir, sinão anular todo o tempo de permanência fóra do Parque. É o que se dá com um número não muito grande de crianças, as quais passam por assim dizer, o dia no Par-



quo.

Razões as mais diversas impedem a solução perfeita do problema. Entre as mesmas apontaremos as mais gerais:

- a) - imaginemos a hipótese de ser possível a todas as crianças de um período voltarem ao Parque no outro período. A frequência nêste, atingiria aproximadamente ao dôbro da habitual. Isto teria uma consequência imediata, a necessidade de maior número de funcionários técnicos para darem desempenho a todas as tarefas desenvolvidas junto das crianças num Parque Infantil. Somento o desconhecimento dos problemas educativos poderia levar-nos a julgar possível o aumento de crianças no Parque Infantil sem o correspondente aumento dos funcionários.
 - b) - Resolvida, porém, que fosse a questão do número de funcionários, teríamos solucionado o problema apenas em uma parte, isto é, a da criança dentro do Parque. Ficaria ainda por solucionar o problema no ambiente da criança. A distancia, a ocupação dos pais ou de outros adultos impedem que uma grande maioria das crianças volte para o Parque, por falta de quem as conduza pelas movimentadas e perigosas ruas das adjacências dêste último. Os irmãos maiores, que se encarregam normalmente de tal trabalho, estão ocupados nos Grupos Escolares. Deixando de lado os perigos a que estão expostas crianças que são obrigadas a brincar em ruas de intenso trânsito de veículos e os males advindos da rua, como escola de vícios, situamo-nos apenas no campo da higiene.
- O fato de muitas crianças brincarem algumas horas em ruas como a Rua D. Bosco, sem calçamento, concorreu, com os motivos já expostos, para o seu péssimo estado.

III - A IGNORÂNCIA DOS RESPONSÁVEIS PELA CRIANÇA

O nível cultural dos pais das crianças dos Parques Infantis, é de uma maneira geral, baixo. Baseia-se tal asserção na análise de suas profissões.

A profissão mais frequente no ambiente das crianças dos Parques, é a operária.

A ignorância em assuntos higiênicos, não sendo privativa das classes sociais de mais baixo nível cultural, constitui um fator prejudicial à saúde, muito mais frequentemente encontrado na classe operária do que nas outras classes sociais. Uma das suas mais comuns con-



sequências é a superstição, que muito dificulta e prejudica a ação do Médico e da Educadora Sanitária.

Não nos sendo possível apresentar dados estatísticos com os quais possamos melhor concretizar a necessidade do exame pré-nupcial e da difusão da Educação Sanitária pela população em geral, limitámo-nos a aconselhar aos que se interessam, a consulta ao Anuário Demográfico-Sanitário anualmente publicado pela seção competente. Salienta-se aí a enorme cifra alcançada, no obituário geral, pelas mortes de crianças, nos primeiros anos de existência e, principalmente, no primeiro ano de vida, sem contar o grande número de abortos e natimortos. Este número tão elevado, tem sofrido lento mas sensível declínio após a criação de Centros de Saúde, de cursos para Educadoras Sanitárias e outras medidas.

Entre as mais importantes causas, são ainda os dados estatísticos que apontam, encontra-se a falta de saúde dos pais.

II - AS MÁS CONDIÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS DA FAMÍLIA

Alado das deficientes condições de saúde dos pais e, muitas vezes, consequência das mesmas, podem apontar-se como novos fatores da precária saúde e higiene das crianças dos Parques Infantis, as más condições econômico-sociais de suas famílias.

Pelo numerosa, baixo salário dos pais ou demais membros que contribuem para o sustento da casa, não raro associados a graves e dispendiosas moléstias, falta de trabalho, eis, sucintamente, uma visão geral de que, do ponto de vista econômico, com pequenas diferenças, são encontrar-se na habitação da maioria dos frequentadores dos Parques Infantis.

CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

Nos bairros que com densa população operária, circundam o centro da cidade, os superlotados cortiços são corolário natural da falta de recursos econômicos. A título ilustrativo apontamos, entre outros, os cortiços existentes na rua Ana Tenório, Carneiro Leão e Vinte e Cinco de Março. Nesta última, em dois comedos e cozinha de um cortiço, encontrou-se uma família de crianças inscritas no Parque Infantil Pedro II, composta de pais e onze filhos menores, sendo que na última gestação, a mãe teve três filhos gêmeos.

Para provêr a subsistência de todos os membros da família, contava o pai com o produto da venda ambulante de verduras, trezentos cruzeiros mensais em média, aos quais se juntavam outros cento e poucos, que constituíam a contribuição dos dois primeiros filhos.



Dezidos os cento e trinta cruzeiros correspondentes ao elevado aluguel do cortiço, o restante destinava-se às despesas com a alimentação e vestuário da família.

Juntam-se à falta de saúde dos pais, às más condições econômicas e sociais do ambiente, às péssimas condições higiênicas das habitações e à ignorância, outras situações particulares de não poucas famílias de crianças dos Parques, tais como a falta de carinho de uma mãe que abandonou a casa, de um pai entregue à bebida e a outros vícios, a falta de pais falecidos em desastres, acidentes no trabalho, etc., e se chegará a uma ideia da grandeza do problema com que se defrontam os responsáveis, Médicos, Educadores-Sanitários e Professores de Educação Física que trabalham nos Parques Infantis.

Não é possível à Educadora-Sanitária desenvolver um programa educativo sem o conhecimento da situação da criança, não somente no Parque como em seu ambiente familiar.

A Educação Sanitária, como todo o problema da educação, não constitui um problema único, isolado e sim, um todo muito complexo. A ela se prendem, direta e intimamente, como vimos, questões de ordem médica, higiênica, econômica, moral e social. Procurar leva-la a bom termo, deixando de levar em conta a solução de um só dos fatores apontados, qualquer que seja o campo em que se situe, redundará em anulação parcial, sinão total, do êxito de seus objetivos.

Isto posto, passemos a enumerar os objetivos gerais da Educação Sanitária.

(continua)

Noêmia Ippolito - Educadora Sanitária - Conselheira de Educação Geral e Chefe da Seção Técnico-Educacional da Divisão de Educação, Assistência e Recreio.

Novembro de 1.947

X X X

O FLAGELO SOCIAL DA MENTIRA

(Gustavo Lossa)

Transcrito do Boletim da "S.O.S." Serviço de Obras Sociais - Ano XIII- Nº 153 de Setembro de 1947.

O observador não pôde fugir a uma reflexão amarga quando nota o seguinte contraste: à medida que a evolução política e social vai insistindo, cada vez mais, sobre o respeito a certos direitos individuais, justamente considerados, a complexidade da vida moderna vai tornando mais difícil assegurar-se a cada indivíduo o direito, também sagrado, de ver conhecida, no círculo social em que vive, a verdade sobre si mesmo.

Sabemos que a história está cheia de versões confusas. Nós, o comum dos homens, não temos tempo para pesquisas aprofundadas afim de verificarmos até que ponto têm razão os detratores ou os apologistas de Washington ou de Tiradentes. Há mesmo muita gente boa que não tem elementos para julgar personalidades e acontecimentos muito mais recentes. Roosevelt e Churchill, todos o sabem, são julgados muito diversamente nas suas próprias terras. Sobre tudo que aconteceu de certa importância, para uma aldeia ou para o mundo, tendo a espalhar-se a trama das interpretações e das versões contraditórias.

O assunto não interessa somente aos grande vultos, mas também aos seres humanos mais humildes. É de direito de todos terem o seu conhecido nas suas feições verdadeiras. E inegável, que muitos renunciam a esse direito alvoroçadamente. A sociedade, porém, não deve aceitar tal renúncia.

Mas o problema não é simplesmente biográfico ou histórico. O futuro das ciências, das artes, das religiões, depende, não "da heroica coragem de afirmar", mas da coragem heroica de pesquisar a verdade.

Na genese das confusões sobre o que se passa no mundo estão, sem dúvida, muitos enganos honestos. Mas há também muita deformação propositada, muita mentira.

A extensão deste flagelo em nosso país e em outros do mesmo nível cultural nos parece aterradora. Diante de um mal crônico em adultos, o primeiro pensamento é indagar da sua evolução na infância. Vamos resumir o que pensam a respeito dessa evolução alguns psicólogos e educadores.

NA CRIANÇA

Notam, em primeiro lugar, ser comum a criança pequena cometer exagêros que nada têm de anormal. Apenas aparentemente são mentiras. É o caso, por exemplo, quando um menino de 3 ou 4 anos diz que



com mil niqueis num cofre, ou que a bicicleta do irmão é do tamanho de uma casa. Ele não faz ainda idéia precisa de números ou de tamanhos.

Acham também natural que até os 5 anos mais ou menos a criança conte histórias fantásticas como se tivessem acontecido. De um lado, o conhecimento que ela tem do mundo em torno é muito escasso para habilitá-la a distinguir o possível do impossível. De outro, a sua vida é às vezes tão monótona que precisa criar um mundo de fantasia. E os seus amigos crescidos lhe abrem a janela para esse mundo contando histórias maravilhosas.

Quando, porém, a tendência à fantasia se torna por demais acentuada na criança, os educadores aconselham que os pais, sem a chamarem de mentirosa (isto nunca deve ser feito) lhes ensinem como diferenciar a realidade da imaginação. Podem dizer-lhe: "Conte à sua tia a bonita história que você inventou". Uma professora me informou que, tendo surgido num jardim da infância um pequeno Júlio Verne, a demais inclinado a considerar reais as criações da sua fantasia, ela arranjou dois livros em branco, e intitulou a um "Livro de verdade" e a outro "Livro de brincadeira". A cada nova história que ôle trazia, perguntava-se-lhe: "Esta vai para o livro da verdade, ou para o da brincadeira"? A Consciência do pequeno, chamada assim a depôr frequentemente, foi habituando-o a separar os dois mundos, todos os dois sem dúvida dignos de existir.

A profilaxia dos excessos de imaginação na criança depende de uma educação geral bem orientada. É preciso que o lar e a escola satisfaçam ao seu instinto profundo de manipular objetos variados. Estando interessada vivamente, não lhe será preciso evadir-se ao real. Um outro meio que me parece muito desprezado é o seguinte: quando uma criança pequena ou grande, faz um passeio, é muito útil que pais ou mestres, no dia seguinte, procurem goitosamente fazê-la lembrar os episódios mais interessantes ocorridos. Isto não só educa a memória de evocação, como habitua o menino a contar, a descrever, que é uma necessidade de todos, embora os dons nativos para essa arte sejam distribuídos pela natureza desigualmente.

Finalmente, aconselha-se muito que pais e professores narrem às crianças episódios interessantes da luta do homem para se aperfeiçoar e para dominar o ambiente. Esses episódios são muitas vezes mais belos do que a ficção. Como disse Verhaeren, o licor destilado pela "formidável realidade" é um tônico poderoso para a mente e para o coração.

A ficção é indispensável ao espírito humano. Mas o melhor adubo para a imaginação criadora é a realidade, tal preceito já deve ter sido proclamado varias vezes.



Vamos agora entrar na apreciação das mentiras propriamente ditas. Vamos ver uma classificação já adotada por estudiosos do assunto.

Montiras defensivas

São produzidas pelo medo. O menino quebrou um vaso precioso. Si elle se acostumar a ter medo do pai e si este lho grita: "Foi você que quebrou?", a mentira que se seguirá é muito humanamente explicável. Aconselham educadores que, em casos semelhantes, os pais, antes de perguntarem á criança, façam uma sindicância minuciosa. Si, ao fim, continuarem na dúvida, mas desconfiarem de que a criança foi o autor da falta, devem receber, polida mas secamente, a alocação de inocência que ela fizer. Assim si ela estiver mentindo, ficará ao menos com o receio salutar de não ter enganado os seus.

O que é odioso é acusá-la na dúvida. O que é odioso é castigá-la por descuidos que podem acontecer a todos, grandes e pequenos.

Pode ser, porém, que o menino tenha cometido uma falta digna de punição, e venha atribuí-la a outrem. Aí elle merece realmente um duplo castigo: pela falta e pela mentira. Ao contrário do que muitos pensam, a educação moderna não é contra os castigos. Ela apenas acha que estes devem ser correspondentes á falta e não ao estado de temperamento de quem os inflinge. Precisam ser imediatos, tanto quanto possível, porque, si passa bastante tempo, a criança não vê a relação causal entre a falta e a punição, e atribui esta a uma injustiça. Mas, acima de tudo, é preciso que não sejam duradouros, não criem uma barreira entre os pais e a criança. Esta, para ser feliz, necessita imperiosamente sentir-se segura no mundo misterioso que a cerca, e a sua maior segurança é a certeza de que o afeto dos pais não lhe faltará nunca. O instinto que sempre faz com que as mães acudam a acalmar os gritos de inquietação no berço, ás vezes se limita somente a tenra idade. Os pais precisam, porém, reconhecer que há horas não menos angustiosas mais tarde, quando o pequeno começa a defrontar os companheiros na escola e fora dola. Precisam adivinhar os momentos em que o seu amparo opera maravilhas. As crianças a quem, no berço ou mais tarde, faltou semelhante solicitude ficam muitas vezes inquietas para sempre, é o que dizem nos nossos dias os investigadores da psicologia mórbida. É preciso, porém, sobretudo na adolescência, não exagorar os cuidados e a proteção, que exasperam ás vezes o jovem desejoso de independência.

Vimos como tratar os casos das mentiras defensivas. Como preveni-las? Em primeiro lugar, não fazer as crianças proibições demasiadas. Si o código penal da família é muito volumoso, por força que o



O pirralho terá de violar muitos dos artigos, e acabará mentindo para fugir às expiações. Aconselham também os educadores que o deixem exposto à muitas tentações. Si não se quer que ele coma fora de horas colocar pratos de doce na dispensa aberta é querer fazer do filho um herói quotidiano. O mesmo erro consiste em deixar vasos preciosos ao alcance das mãosinhas desageitadas.

Aconselha-se também que os pais não insistam em que a criança na escola ou nas relações sociais, atinja um destaque para o qual os seus dons naturais não sejam adequados. Isto a levará a contar triunfos que não obteve realmente, a fim de defender-se contra o desapontamento paterno.

Montiras de compensação e de vingança.

Aqui o caso é bem diferente. O menino sente-se esquecido, quer chamar a atenção sobre si. Daí a atribuir-se atos bons que não praticou, alguns hesitam. Mas o interessante é que às vezes se atribuem atos maus que não praticaram, só para chamar a atenção dos pais.

Entre as montiras de compensação e as de vingança, não há sinão um passo. "Onde voce esteve até agora?" - "Na casa do F...". F. é o companheiro a cuja casa foi proibido de ir. Ele realmente lá não esteve, mas mente para exasperar os pais.

Quando as coisas chegam a este ponto, em meninos já crescidos, é claro que as relações afetivas estão bastante deterioradas, já se formaram complexos cujo tratamento requer especialista.

Há um certo sadismo nas peças que uma criança prega a outra. Às vezes, os adultos aplaudem a brincadeira de mau-gosto e assim estimulam a tendência. Essa forma de perversidade é comum nos centros pequenos, e para a sua gênese contribue muito a ociosidade.

Montiras de imitação

Há pais que, nas descrições de cenas a que presenciaram, gostam de colorir demasiadamente os acontecimentos. Não podem queixar-se de que os filhos os imitem. Outras vezes são os parentes ou os amigos da casa os culpados. Achei uma vez muito justificado o remorso de um tio de Pigeta, que, desejando deter o pequeno na sua arremetida vigorosa pelo interior da casa, lhe acenou com um brinquedo inexistente. Teve os dois dedos de prosa que queria, mas deu um mau exemplo.

Conversando uma vez sobre o assunto dessa palestra, ouvi alguém na roda dizer: "Mas todo mundo mente! Não há quem não tenha mandado dizer que não estava em casa a uma visita chegada em hora importuna". Si semelhantes confusões de raciocínio se encontram em gente grande, imagine-se o efeito que não têm sobre as crianças! Os pais de-



sem explicar a estas que há sociedade convenções, geralmente aceitas, em virtude das quais é mais aconselhável dizer, a visita, que não se está em casa do que anunciar a verdade rudemente. A convenção social, baseada, em tal caso, em motivos muito humanos, subentendo que a resposta ao visitante tem um duplo sentido, e por isto não pode ser considerada realmente uma violação da verdade. Há uma infinita distância moral entre o seu significado e a mentira que resulta na depreciação ou no engrandecimento indevidos de alguém, ou que simplesmente deturpa os fatos.

Hipocrisia danosa é censurar severamente a alguém diante dos filhos e depois abrir os braços a êste alguém, quando apparece. Há aí uma mistura de covardia, de cinismo e de mau gosto, que desnorteia o senso moral em formação.

c-0-o



EDUCAÇÃO FÍSICA

AS FÉRIAS DO JOÃOZINHO

(continuação)

109 aula

Terminadas as férias Joãozinho ia voltar para Santos, onde morava. Tio Joaquim plantificou-se em leva-los de automóvel e o Renato, que ainda não conhecia o mar quis ir junto. Despediram-se todos da tia Luiza e dos pequenos e entraram no automóvel que começou andar muito devagarinho (evolução). Algumas horas depois estavam em Santos, o Joãozinho quis logo levar Renato à praia. Vestiram os "maillots" e foram. Chegando lá viram uma porção de urubus que, na praia, abriam e fechavam suas grandes asas (flex. dos braços). Dirigiram-se ao mar. A água estava muito fria, e por esse motivo extendiam os pés e encolhiam-nos logo exclamando: "Aii que frio!" (flex. das pernas). Aos poucos foram perdendo o medo. Finalmente atiraram-se à água e logo depois furavam as ondas (flex. do tronco - deitados: extensão). Saíndo da água Renato extranhando o cheiro do ar da praia, resperava e dizia: "Uhn! que cheiro delicioso!" (flex. da caixa torácica). Alguns amiguinhos do Joãozinho que brincavam de roda chamaram-no para entrar no brinquedo. Ele aceitou o convite e os dois foram também brincar (roda com canto).

Nisto uns pequenos que estavam perto do mar gritaram: "Um siri! Um siri! Todas as crianças deixaram o brinquedo e a grandes passadas foram vô-lo (exerc. de marchar). O siri andava de um jeito muito engraçado (exerc. de tropeçar), e os meninos não se cansavam de rir. "Vamos pular o siri? Vamos pular o siri?" gritaram. E todos quiseram saltar por cima dele (exerc. de saltar). Cansados pararam exclamando: "Aii que cansa!" (exerc. respiratório). Foram depois brincar na areia. Com seus baldinhos traziam água do mar para molharem bastante a areia e assim construíam castelos, montes, etc. (exerc. de levantar e transportar). Alguns meninos passaram com bicicletas para alugar. Joãozinho e Renato foram dar voltas de bicicleta (exerc. de correr). Passaram, e depois de terem entregue as bicicletas aos donos, compraram de um japonês umas bolas de ar que encheram e jogaram ao alto (exerc. respiratório e exerc. de lançar). Mas de tanto enchê-las, todas as bolas rebentaram. Os dois meninos então resolveram rolar na areia (cambalhotas - exerc. de ataque e defesa).

Renato e Joãozinho avistaram alguns meninos da colônia de férias que vinham vindo. Levantaram-se limparam as mãos, os braços e as pernas que estavam sujas de areia, asseprando-os (exerc. respiratório). Nesse mesmo instante as crianças da colônia de férias passaram marchando e cantando (marcha com canto). Pararam bem perto deles e fizeram alguns exercícios muito bem feitos, que causaram admiração em todos que estavam olhando (exerc. de ordem). Num dado momento, a voz de "Fera de forma, marche!", debandaram, correndo para o mar.-

Calendário

25 de Dezembro - Natal

Deus se dá a nós por Jesus Cristo. O tempo do Natal é o intervalo de quarenta dias, entre 25 de dezembro e 2 de fevereiro. Comparando o Advento a subida de uma montanha, chegamos agora a seu cume - Natal - o ponto mais elevado da primeira parte do Ano eclesástico.



Durante onze dias permanecemos nesta altura, com a celebração das duas festas principais deste tempo. Natal e Epifania ou festa de Reis. A citava dessa solenidade é seguida de 6 domingos, número este por vezes diminuído pelo tempo da septuagesima que varia conforme celebração da pascoa, mais cedo ou mais tarde. Termina o tempo do Natal com a festa de purificação de Nossa Senhora, que é o oferecimento de Jesus no templo, pelos pecados do mundo e assim esta festa prepara o Mistério da Redenção que é o assunto do ciclo pascal.

Voltemos a festa de Natal. Seu fim é celebrar-nos o nascimento de Salvador e comunicar-nos as graças particulares deste Mistério. "Deus factus est homo ut homo fieret Deus" Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus, diz admiravelmente Santo Agostinho.

Particularidades deste tempo:

A alegria deste tempo manifesta-se por vários modos: a cor violácea dos tempos de penitência é substituída pelos ornamentos brancos, bordados a ouro ou completamente dourados. Os órgãos mudos no Advento, executam as suas mais jubilosas modulações e o Gloria in excelsis Deo ressoa de novo, trazendo-nos os ecos pacíficos do presepe. As multidões numa satisfação expansiva, reúnem-se nos templos, recordando por sua assistência as Matinas do Natal, a sincera piedade do antanho.

(Missal Quotidiano

D. Béda Keckeisen; pg 65)



DEZEMBRO

(OLAVO BILAC)

Coro de crianças:

Passem os meses desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mês!

Dezembro:

Deixemos as cousas sérias!
Sou o belo Mês das Férias,
O belo mês do Natal!
Crianças! tendes saudades
Da casa, da liberdade,
Do carinho maternal?

Sou o belo mês da Infância!
-Quem trabalhou com constância,
Dobaldo não trabalhou:
As aulas estão suspensas;
Tem prêmios e recompensas
Todo aquele que estudou.

Quem estudou, finalmente,
Recebe a paga, contento,
Do sacrifício que fez...
- Férias, colégios fechados
E livros abandonados!...
Eu sou das Férias o mês!

Coro de crianças:

Inda uma vez dansemos rindo!
Vamos as casas regressar...
O ano acabou! Dezembro é findo!
Vamos agora descansar!

XXXXXXXXXX

CALENDÁRIO AGRÍCOLA PARA O MÊS DE DEZEMBRO

Semeiam-se em lugar definitivo, conforme o tempo permitir: eventualmente, acelga, espinafre da Nova Zelândia, rabanete, pepino, abóbora, abobrinha, feijão anão e do vara, nabo.

Semeiam-se em alfêbres cu caixões bem abrigados contra as aguadas: tomate, beringela, pimentão, alface repolhuda e romana, chicória, couve-rabano e brócoli.

Transplantam-se as mudas do Novembro quando o tempo permitir e o solo não for demasiadamente húmido.

Abrigar as mudas transplantadas contra os ardores do sol e contra as chuvas fortes.

(Do "Boletim de agricultura")

no único

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXX

XXXXXX



BIBLIOTECA ESPECIALIZADA
SECÇÃO TÉCNICO-EDUCACIONAL

MOVIMENTO - OUTUBRO	TOTAL de livros	PORCENTAGEM sôbre o total
Bibliotecária.....	2	3,51
Educadora Jardineira	4	7,02
" Recreacionista.....	8	14,04
" Sanitária.....	3	5,26
" Social	1	1,75
Externo,	4	7,02
Funcionário Administrativo.....	9	15,79
Instrutora.....	15	26,32
Médico.....	6	10,53
Nutricionista.....	5	8,77
TOTAL	57	105,27 %

MOVIMENTO - OUTUBRO	TOTAL de livros	Porcentagem sôbre o total
OBRAS GERAIS - 000		
Biblioteconomia - 020	1	1,75
FILOSOFIA - 100	1	1,75
Psicologia Especial - 130.....	4	7,02
" Geral	3	5,26
Moral. Ética - 170	2	3,51
CIÊNCIAS SOCIAIS EM GERAL - 300		
Assistência. Obras Sociais - 360..	1	1,75
Educação em Geral - 370	4	7,02
FILOLOGIA - 400		
Lingua Portuguesa - 460	1	1,75
CIÊNCIAS APLICADAS - 600	1	1,75
Medicina - 610	7	12,28
Economia doméstica - 640.....	2	3,51
BELAS ARTES - 700		
Gravuras. Estampas	1	1,75
Música - 780.....	4	7,02
Divertimentos - 790	14	24,56
LITERATURA - 800	2	3,51
" Americana - 810.....	4	7,02
" Brasileira - 869b.....	5	8,77
TOTAL	57	99,98 %

RELAÇÃO DE LIVROS ENTRADOS EM OUTUBRO

Como se inicia um Hobby
Hegel - Encyclopédia das sciencias philosophicas
Dewey- Decimal classification and relativ index
Rapaport - Diagnostic psychological testin I e II vol.
Klampman - Group psychotherapy
Doutch - The psychology of women
Wolff - What is psychology
Meuchot - Psicopatologia del pensamiento hablado
Blorman - Fisioterapia
Gentile - Genesi e struttura della società
Kuhn - La teoria dell'ereditarietà
Cataldi - Una nuova organizzazione dei servizi di assistenza sanitaria
Jamra - Anemia perniciosa
Enciclopédia pratica bompiani - 2 vols.
Cardonal - Diccionario terminologico de ciencias médicas
Stefanelli - Biologia dello razze umano
Silva - A psicanálise em 12 lições
Baker - Introduction to exceptional children
Allport - Personality a psychological interpretation
Milano - Morceologia
Cerner - Os hormônios na reprodução humana
Myers - Principles and techniques of vocational guidance
Paiva - Um minuto na adolescência
Tonggren's story book
Accornero - Tomaz

XXXXXXXXXXXX



NOTICIÁRIO

NOVOS PARQUES INFANTIS

Os dias 7 e 8 de novembro marcaram época nos annos das conquistas da Divisão de Educação, Assistência e Recreio. Assim que o Snr. Prefeito Paulo Laure resolveu acrescê-la de mais dezessete Unidades, treze das quais foram inauguradas nas datas acima referidas.

Da grandeza do tal acontecimento dizem as solenidades em todas realizadas, as quais constaram entre outras, do hastoamento do Pavilhão Brasileiro, ao som do Hino Nacional e de foguetos, do descobrimento da Placa Omemorativa da Fundação de cada Parque, discursos, por S. Excia. Dr. Ademar de Barros, D.D. Governador, dramatizações, entrega de ramos á Dna. Leonor Mendes de Barros, D.D. esposa de S. Excia. o Snr. Governador do Estado, de entrega de flâmulas a este último.

Dela dizem também os esforços ingentos a que se entregaram os técnicos todos os funcionários da Divisão, afim de ser levada a bom termo, em tempo rapidíssimo, sem contar o quase milagre realizado pelos operários que sob orientação dos Engenheiros levantaram as construções relâmpagos. Dignos de encômios são todos que se esforçaram para o êxito de tal empreendimento, entre os quais se contam também o Snr. Artur Êtzol e seus jardineiros.

Foram inaugurados os seguintes Parques Infantís: Brooklin, Casa Verde, Vila Guilherme, Vila Maria, Bom Retiro, São Rafael, Itaim, Benedito Calixto, Ibirapuêra, Cambucí, Ponha e São Miguel e os Recantos infantís do Jardim da Luz e da Chácara Lane.

Estam ainda os Parques de Osasco e da Cidade Vargas.

X X X

EDUCAÇÃO MUSICAL EM PARQUES INFANTÍS

Dando prosseguimento ao programa educativo da Divisão de Educação, Assistência e Recreio da Prefeitura do Município, o qual include a apresentação das mais variadas manifestações culturais ás crianças dos Parques Infantís, alunas da Professora de Piano, D. Letícia Mariosa, darão por iniciativa do Conselheiro Musical da referida Divisão, Maestro Martin Braunwieser, uma audição musical no Parque Infantil da Barra Funda, a 26 de corrente, quarta feira, ás 16 horas. Acompanhar-se-á esta audição de breves explicações sôbre o assunto.

XXXXXXXXXX



NOTICIÁRIO

(continuação)

Além dos Parques já mencionados, mandaram a esta Chefia o programa da festa conjunta realizada durante a Semana da Criança, mais os seguintes Parques:

Parque Infantil D. Pedro II

Parque Infantil da Barra Funda.

X X X

A 29 de novembro último realizou-se a inauguração da Exposição dos Municípios sob os auspícios do Governo do Estado.

A Divisão de Educação, Assistência e Recreio concorreu para o Pavilhão da Prefeitura com uma coleção de fotografias representando atividades desenvolvidas nos Parques Infantis de São Paulo, com trabalhos realizados por crianças destes, bem como com apresentação de material e aparelhamentos visando esclarecer o público sobre os trabalhos realizados nessas Instituições.

X X X

REUNIÃO TÉCNICA CONJUNTA

Reunião Havida

A Reunião do mês de novembro contou com a presença do Snr. Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, Prof. Miguel Sansigolo e da quasi totalidade dos funcionários técnicos da Divisão.

A conferência a cargo do Dr. Durval Marcondes, ilustre Psiquiatra Diretor do Serviço de Higiene Mental e Professor da Escola Livre de Sociologia e Política da Faculdade de Higiene de São Paulo, foi muitíssimo apreciada. O ilustre conferencista teve o dom de prender a atenção dos ouvintes durante quasi duas horas sobre problemas de Higiene Mental na Idade Escolar, prestando esclarecimentos e respondendo a todas as questões que lhe foram apresentadas.

Reunião marcada

Para a próxima reunião, a Divisão contará com a conferência do Prof. Mário Wagner, licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia de São Paulo, com realização do Curso Post-Graduado e Doutorado na Universidade de Chicago, conferência esta sob o nome: "A CONTRIBUIÇÃO DOS ANTROPÓLOGOS SOCIAIS PARA A MODIFICAÇÃO DOS HÁBITOS ALIMENTARES".

A reunião técnica-conjunta será realizada a 18 de dezembro próximo, às 18 horas, na Biblioteca Municipal.

A.S.G.

XXXXXXXXXX

